

determinantes da economia socialista soviética nos anos 1950-1980: do crescimento acelerado à estagnação*

Irina Mikahilova

Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi compreender as transformações da economia soviética no período entre os anos 1950 e 1980, as quais partem de sua existência enquanto sistema centralmente planejado e controlado pelo Governo e vão até a desmontagem deste e a tentativa de implementar o socialismo de mercado. Visou-se também revelar determinantes de crescimento acelerado, desaceleração e estagnação da economia. No trabalho, apresentam-se visões alternativas desses processos. Foram analisadas as medidas adotadas nas reformas econômicas ao longo do período considerado. Conclui-se que a desaceleração econômica não foi a consequência inevitável do funcionamento do sistema socialista planejado, mas, antes, da deterioração gradual do sistema planejado e das tentativas fracassadas de executar reformas que, juntamente com outros acontecimentos políticos, levaram à estagnação e ao colapso econômico posterior da União Soviética.

Palavras-chave: Economia planejada socialista. União Soviética. Crescimento econômico.

ABSTRACT

This study aims to understand the transformations occurred in the Soviet economy during the period from 1950 to 1980. These transformations started from the centrally planned economy controlled by the State and resulted in its decline and the attempt to implement a market socialist economy. Our objective was also to reveal the determinants of the accelerated growth at the beginning of the period and its subsequent stagnation. The alternative views of these processes have been demonstrated. The measures of economic reform adopted during the period have been analyzed. We conclude that the economic decline was not the inevitable consequence of the planned socialist system functioning. The gradual deterioration of the planned system and failed attempts of its reformation, together with the political events, have led to the stagnation and, subsequently, to the economic collapse of the Soviet Union.

Key words: Planned socialist economy. Soviet Union. Economic growth.

* Submetido: novembro, 2011; aceito: dezembro, 2011.

Introdução

Apesar de terem passado já vinte anos após a queda da União Soviética (URSS), o primeiro país que tinha implementado o socialismo e o experimentado durante quase setenta anos, a discussão sobre vantagens e desvantagens da economia planificada e controlada pelo governo não perdeu a sua atualidade. Várias experiências e possibilidades da economia soviética tornaram-se únicas, como a plena mobilização de recursos para a industrialização forçada, a acumulação acelerada do potencial produtivo, a rápida recuperação econômica depois do caos pós-revolucionário e das destruições da Segunda Guerra Mundial, os avanços científicos e culturais. A história da economia soviética merece maiores reflexões e análises do ponto de vista contemporâneo. Alguns mecanismos da economia socialista continuam demonstrando a sua eficiência. Pode-se referir ao caso da China, um país que nunca abriu mão do planejamento centralizado diretivo e do controle governamental para atingir objetivos econômicos de longo prazo. Há também países desenvolvidos, como a Suécia, que implementaram elementos socialistas no mecanismo da repartição de renda para aumentar o bem-estar social.

Ao longo da sua história, o socialismo na URSS passou por vários períodos e etapas de evolução. A história econômica começou com o período do “comunismo de guerra”, com a economia rigidamente controlada pelo Estado nos anos da Guerra Civil. Depois o país passou pelo período da Nova Política Econômica (NEP, anos 1922–1927), quando houve o retorno parcial ao capitalismo para restaurar a economia, a qual pareceu totalmente acabada no caos pós-revolucionário e da Guerra Civil. Depois da revogação da NEP, o país implementou, em 1928, o sistema de planejamento centralizado com um conjunto de Planos Diretivos (obrigatórios para todos os setores e empresas), entre os quais o Plano Quinquenal de desenvolvimento socioeconômico virou o elemento principal do sistema. Desde então, a história da economia soviética vinha se apresentando como a história dos períodos quinquenais consecutivos (com uma única exceção, quando se tentou, em 1959 por iniciativa de Khrushchev, mudar o período base planificado para sete anos).

A construção da própria economia socialista e a fundamentação da base industrial foram efetuadas com muito sucesso nos dois primeiros

períodos quinquenais. Conforme avaliação do Centro de Pesquisa sobre a União Soviética da Universidade de Melbourne, a qual pode ser considerada alternativa à estatística soviética, no período de 1928-1940, a indústria da URSS apresentava taxas incríveis de crescimento, em torno de 16% por ano (WHEATCROFF et al., 1986: 274). O processo de construção socialista e de execução do Terceiro Plano Quinquenal foi atropelado pela Segunda Guerra Mundial, quando a economia soviética dirigiu-se totalmente para o caminho militar. Após a Guerra, o planejamento diretivo, que foi também interrompido, recebeu continuação. As diretrizes do Quarto Plano Quinquenal (1946-1950) objetivaram a rápida recuperação da economia pós-guerra e foram completamente realizadas.

Entretanto, o período mais interessante a ser explorado é o de 1950 a 1980, quando a economia socialista percorreu o caminho que vai do crescimento acelerado à estagnação; da maturidade do sistema planificado até a sua gradual desmontagem; da economia rigidamente comandada pelo Centro até liberalizações econômicas no decorrer de duas reformas principais (anos de 1965 e 1979); da economia socialista pura até a tentativa fracassada da *Perestroika* (literalmente, Reconstrução) de criar a economia do “socialismo de mercado”.

Colocam-se duas indagações referentes ao período em questão. A primeira é a seguinte: por que a economia soviética apresentou altas taxas de crescimento econômico nas décadas de 1950 e 1960 e conseguiu notavelmente diminuir a distância entre a USSR e os EUA (seu competidor principal do mundo capitalista), mas, nas décadas de 1970 e 1980, gradualmente deixou de crescer e perdeu suas vantagens competitivas? Há diversas explicações desses processos. Defensores das vantagens do sistema capitalista apontaram a incapacidade inerente à economia planificada de garantir o crescimento econômico de longo prazo. Economistas soviéticos na época apresentavam, em geral, propensão a silenciar ou subestimar falhas e desvantagens da economia socialista. Pesquisadores pós-soviéticos inicialmente procuraram, ao contrário, mostrar falhas e sobrestimar desvantagens do socialismo. Pesquisas recentes já contêm análises ideologicamente independentes e conclusões mais imparciais.

Os objetivos principais deste trabalho foram compreender as transformações da economia soviética, no período dos anos 1950 a 1980, analisar fatores de crescimento acelerado no início do período, desacele-

ração e estagnação posterior, e apresentar visões alternativas sobre determinantes desses processos. Procurou-se, também, analisar medidas das reformas econômicas, tanto bem sucedidas como fracassadas, no decorrer no período.

A segunda indagação trata-se da seguinte: em que medida a estagnação econômica contribuiu para o fim de fato do sistema socialista, no final da década de 1980, para a desintegração da União Soviética, em dezembro de 1991, e para o surgimento dos Estados Independentes, entre os quais está a Rússia, que ficou sendo a herdeira principal do império soviético. Para muitos pesquisadores ocidentais, a contribuição do declínio econômico para o destino do país foi crucial. Nas palavras de Easterly e Fischer, reconhecidos pesquisadores da economia soviética, “é essencial tentar apontar as causas do declínio econômico, sem o qual a União Soviética ainda existiria” (1994: 2; tradução nossa). Conforme as pesquisas mais recentes de economistas pós-soviéticos, essa conclusão não é evidente (ver KHANIN, 2002; VEDUTA, 2002).

A investigação das causas do colapso e da desintegração da União Soviética representa um problema multidimensional, o qual foge do escopo da presente pesquisa. Mesmo assim, para o desenvolvimento do tema deste artigo, aceita-se a hipótese de que a estagnação econômica não constituiu um fator significativo para a fim do sistema socialista e da URSS. Apoiar-se uma visão de que, no momento desse colapso geopolítico, o modelo da economia planificada socialista já estava praticamente desmontado, o que agravou a estagnação econômica.

O corpo do presente trabalho compõe-se, além desta introdução, de duas seções. A primeira volta-se à análise do período das décadas de 1950-1960. Na seção subsequente, busca-se analisar o período de 1970-1980. O trabalho é encerrado pela conclusão.

Economia da URSS nas décadas de 1950 e 1960: fatores de crescimento acelerado e mecanismos da reforma econômica de Kossiguin

No início da década de 1950, a economia soviética representava o modelo socialista com gestão centralizada através do sistema planificado de produção e distribuição de recursos e controle estatal sobre a execu-

ção dos Planos. Claro que esse modelo foi implementado antes. Em 1936, o Oitavo Congresso do Partido Comunista da URSS, o qual foi nomeado o Congresso dos Vencedores, declarou a finalização, em princípio, da construção do socialismo. Naquele momento, a participação do setor estatal na produção total e, também, na capacidade produtiva total ampliou até 99%. Para comparar, os mesmos indicadores, no ano de 1924, contavam só por volta de 35% (ABALKHIN, 1978: 3). No entanto, naquele estágio histórico, a economia socialista, como o próprio socialismo soviético, ainda não estavam maduros. Só depois dos períodos da militarização forçada pré-guerra, da Segunda Guerra Mundial e da restauração dos prejuízos enormes no período pós-guerra, ou seja, a partir da década de 1950, a economia soviética poderia se voltar prioritariamente aos objetivos de desenvolvimento socioeconômico junto à corrida competitiva com o mundo capitalista. Essa intenção de atingir e ultrapassar países capitalistas expressou-se no termo cunhado como “desenvolvimento de *catch-up*”.

A década de 1950 representou o período da culminação econômica: a economia demonstrou o melhor desempenho e o mais rápido crescimento na sua história. Na expressão de um dos principais pesquisadores russos sobre o período soviético, Grigory Khanin, essa foi “a década do triunfo e do maravilhamento econômico, quando a URSS fazia parte do grupo de países com o crescimento mais rápido no mundo” (2002: 55, tradução nossa).

Nesse período, somente dois países, o Japão e a União Soviética, cresciam, reduzindo o seu atraso econômico em comparação com os EUA. A tendência se prolongou, mesmo com menor ritmo, até a década de 1960. Se, no Império Russo do czarismo, o seu PIB per capita era 30% do nível do mesmo indicador dos EUA (dados de 1913, ou seja, antes da Primeira Guerra Mundial) e somente 20% na União Soviética do período NEP (dados de 1928), então, no final da década de 1960, o PIB per capita da União Soviética atingiu quase 40% do nível dos EUA (POPOV, 2008: 6). Apesar do fato de que a diferença entre EUA e URSS, em PIB per capita, ainda se mostrava grande, a expectativa de vida da população soviética aumentou até 70 anos na metade dos anos 1960, o que foi quase a mesma do que a dos EUA. Esse resultado social ficou como o máximo histórico na URSS e nunca foi atingido depois, inclusive na Rússia pós-soviética.

Como se pode visualizar na Tabela 1, o crescimento econômico soviético, na primeira metade da década de 1950, era mais rápido do que o de países capitalistas desenvolvidos, e, na segunda metade da década, somente o Japão superou a URSS em taxas de crescimento do PIB.

Tabela 1 – Taxas de crescimento do PIB de vários países no período de 1951 a 1960

PAÍSES	1955 EM % DE 1950	1960 EM % DE 1955	1960 EM % DE 1950
URSS	162	151	244
EUA	124	107	133
Reino Unido	115	110	127
França	124	127	158
Alemanha Ocidental	154	141	217
Japão	143	177	253

Fontes: adaptado a partir da metodologia de Khanin (1991: 146) baseada na estatística oficial da URSS e nas técnicas alternativas do U.S. CIA: Statistical Yearbook, UN (1962: 80-87, *apud* KHANIN, 2002).

Durante toda a década de 1950, a URSS e o Japão cresceram aproximadamente 2,5 vezes e Alemanha Ocidental 2,2 vezes, enquanto os EUA e o Reino Unido tiveram o ritmo mais lento e aumentaram seus PIB em aproximadamente 1,3 vezes.

Os fatores que contribuíram para o crescimento econômico na URSS foram predominantemente intensivos, pois, ao longo da década de 1950, a quantidade de trabalho cresceu só 22% e a quantidade de fundos produtivos (capital fixo) aumentou em 70% (KHANIN, 2002: 5), o que foi notavelmente menor do que o crescimento do PIB em 144% (conforme dados da Tabela 1).

O crescimento da produtividade de trabalho, na década de 1950, foi, também, o maior histórico (ver Tabela 2). Existem diferentes estimativas da produtividade do trabalho. Na Tabela 2, são representados os dados conforme a metodologia oficial do Goscomstat e a metodologia alternativa elaborada no exterior. Em ambos os casos, revela-se a dinâmica decrescente contínua da produtividade de trabalho ao longo de todas as décadas.

No período analisado, houve grandes reestruturações na economia soviética devido ao surgimento de novos setores industriais, à rápida urbanização, à construção do sistema integrado único de energia elé-

trica, aos avanços na área técnico-científica. Também melhoraram os resultados sociais. Ao longo da década de 1950, os gastos orçamentais com educação duplicaram, e os gastos com saúde cresceram 2,5 vezes. Assim, no final dos anos 1950, a relação dos gastos governamentais sobre o PIB era de 13% com a educação e de 5% com a saúde da população (ROSSIYA I MIR, 2002: 11).

Tabela 2 – Taxas anuais da produtividade de trabalho na economia soviética nas décadas de 1950 a 1980 (em %, média no período)

PERÍODO	ESTATÍSTICA OFICIAL	DADOS ALTERNATIVOS
1950-1959	8,3	5,8
1960-1969	5,4	3,0
1970-1979	4,1	2,1
1980-1989	3,0	1,4

Fonte: adaptado de Gomulka e Schaffer (1991).

Vale notar que a economia soviética, naquele período, além de ter crescimento acelerado, destacou-se, por sua alta estabilidade macroeconômica, pelo orçamento constantemente superavitário, pela dinâmica não inflacionária de preços e pela inexistência de desemprego. Então, quais foram os determinantes dessa economia? Em geral, mencionam-se os seguintes: 1) acumulação acelerada do capital fixo: a razão investimento total/PIB aumentou de 15% em 1950 para 30% no final de década de 1960 (GOSCOMSTAT, 1970: 240); 2) elevação do nível de qualificação e formação de recursos humanos devido a rápida expansão do ensino técnico-profissional e superior, o que implicou aumento da produtividade de trabalho e contribuiu para avanços técnico-científicos; 3) o sistema planejado e controlado pelo Estado demonstrou, na época, suas vantagens organizacionais e de gestão centralizada comparáveis com vantagens de grandes corporações.

O desenvolvimento bem-sucedido do socialismo pós-Segunda Guerra Mundial e as grandes realizações econômicas geraram euforia na sociedade soviética. Muitos economistas, tanto soviéticos como estrangeiros, não duvidavam que URSS venceria no futuro a corrida econômica competitiva com os EUA. Foram questionáveis somente os prazos em que isso ocorreria. Sob tais condições, foi elaborado e lançado, em 1961, o famoso Programa da Construção do Comunismo no período até o ano de 1980. O conteúdo do programa recebeu ampla divul-

gação, inúmeras citações e virou um material de estudo obrigatório no ensino médio e superior. O programa previa de que, em 1970, a União Soviética alcançaria um nível do PIB per capita igual ao dos EUA, e, no ano de 1980, construiria, em geral, a base técnico-material do comunismo através da expansão das forças produtivas e seu uso eficiente (ver MATERIALY XXII S'EZDA KPSS, 1961). Aliás, o entusiasmo surgido junto ao Programa do comunismo gradualmente transformou-se em decepção. Quando chegou o ano designado como o início do comunismo, ou seja, 1980, o país teve que elaborar e lançar o Programa de Fornecimento Alimentar (*Prodovolstvennaya Programa*). Eis a piada conhecida entre soviéticos na época: em vez de comunismo prometido, recebemos, em 1980, o Programa de Alimentos.

Na década de 1960, a economia soviética, apresentando crescimento ainda elevado, já começava a perder o seu ritmo. Como se pode ver na Tabela 3, as taxas de crescimento da Renda Nacional (Produto Nacional Líquido) recuaram nesse período, em comparação com as da década anterior. O investimento total, na década de 1960, cresceu menos do que a Renda Nacional, implicando, também, perda de ritmo no processo de acumulação do potencial produtivo.

Tabela 3 – Taxas anuais de crescimento da Renda Nacional e do Investimento total na economia soviética nas décadas de 1950 e 1960 (em %, média no período)

Indicadores	1951-1960	1961-1965	1966-1970
Renda Nacional	10,2	6,5	7,8
Investimento total	10,8	5,4	7,3

Fontes: Dados sobre Renda Nacional: elaborados a partir de dados do Goscomstat, anos variados. Dados sobre Investimento: adaptado de Gosudarstvennye Ekonomicheskie Strategii (1998).

Alguns problemas de crescimento econômico começaram a aparecer. Primeiramente, revelaram-se desproporções na distribuição de recursos financeiros e materiais. A prioridade dada à indústria bélica e aos meios de produção, em detrimento dos outros setores, causou a demanda não atendida para vários bens de consumo e serviços. A manutenção de preços baixos e o aumento de salários nominais geraram o fenômeno “demanda nominal postergada”, quando a falta de alguns bens necessários gera excedentes na poupança financeira de trabalhadores. Outro grande problema na URSS passou a ser o gradativo atraso do setor agrícola devido ao financiamento precário, à baixa estimulação e pouca motiva-

ção ao aumento da produtividade do trabalho rural, em comparação à mão de obra empregada na indústria.

Vale a pena mencionar os crescentes gastos estatais soviéticos com a corrida armamentista e, também, com a ajuda financeira aos outros países tendo vista refortalecer países do campo socialista e obter novos aliados na possível expansão do socialismo pelo mundo. De início, esse tipo de ajuda foi prestado principalmente à China e à Coréia do Norte; depois a lista de países ampliou-se para países socialistas da Europa Oriental, países da África recém-liberados do colonialismo, mais a Índia, o Egito, o Vietnã, entre outros. Além de empréstimos privilegiados, subsídios e dotações diretas, constantemente ampliava-se a assistência técnica por parte de especialistas soviéticas na criação de novos setores, construção de novas empresas e objetos da infraestrutura. Vale mencionar especialmente Cuba, a qual, desde a chegada do governo de Fidel Castro, foi sustentada significativamente pela URSS. Todos esses “custos ideológicos” começaram a afetar o desempenho econômico interno da União Soviética.

Os melhores resultados do Oitavo Plano Quinquenal (1966–1970) em comparação com os do período anterior (1961–1965,) deveram-se à Reforma Econômica de 1965, conhecida como Reforma de Kossiguin (em nome do Aleksei Kossiguin, na época primeiro ministro da URSS). Vale notar que anteriormente, em 1957, também foi iniciada uma reforma econômica, conhecida como a Reforma de Khrushchev, quando foram criados os *sovnarkhozy* (*sovery narodnogo hoz'yajstva*, ou conselhos da economia nacional) e a administração de empresas passou de uma base por ramos industriais (setores da economia) para uma base regional, entre outras medidas. As medidas da referida Reforma foram, principalmente, de caráter administrativo e não tocaram em elementos fundamentais do sistema socialista planejado. Entretanto, a Reforma de 1965 foi a primeira reforma econômica na história soviética que visou ligeiramente a modificar a própria base econômica do socialismo introduzindo alguns elementos de mercado (ou, na terminologia soviética, *quase de mercado*) nos mecanismos da economia planejada.

No decorrer da Reforma de Kossiguin, de 1965, foi previsto o aperfeiçoamento de mecanismos da economia planejada, em direção a uma maior liberalização de inter-relações econômicas, e a flexibilização do mecanismo vertical de comando e controle. Antes, as empresas, apesar

de terem o próprio orçamento e elaborarem o balanço de atividades, eram consideradas como peças de propriedade pública (pertencentes a toda a sociedade) e elementos do sistema único de gestão e planejamento centralizados. Com a Reforma, as empresas passaram a ser “quase proprietárias” do seu capital fixo, principalmente de parte das máquinas e equipamentos (isso nada tinha a ver com a privatização pós-soviética nos anos 1990). A ideia era a de estimular o uso mais efetivo e racional dos recursos e priorizar o modo intensivo da produção, ou seja, o aumento da produtividade de fatores da produção.

Algumas medidas da Reforma visavam fazer com que o indicador de lucro das empresas passasse a ser um critério principal de avaliação da sua atividade, pois, no sistema antigo, o principal indicador do Plano era a produção total da empresa. Para alterar essa situação, foi modificado o sistema tributário em parte das transferências de empresas para o Governo. Antes, as empresas eram obrigadas a transferir para o Orçamento Estatal a parcela do seu lucro que ficasse acima do lucro normativo planejado. Tal prática pouco estimulava o aumento dos lucros de empresas. No decorrer da Reforma, as transferências obrigatórias de lucros foram substituídas pelos impostos sobre capital fixo (que se chamava, na economia socialista, fundos ou ativos produtivos) da empresa com a alíquota fixa de 6% sobre o seu valor estimado. Para nivelar as condições de funcionamento das empresas, foram também implementados pagamentos da renda diferencial para empresas com melhores condições ambientais (do que a média do setor) e para as empresas que apresentaram melhores condições técnico-econômicas não relacionadas com seus próprios esforços.

Também a Reforma pretendeu aumentar o interesse dos trabalhadores na eficiência do funcionamento das empresas, criando estímulos econômicos. A motivação financeira de trabalhadores tornou-se necessária naquele momento, pois o entusiasmo soviético do período dos anos 1930 ao início dos anos 1960, inspirado nas ideias do comunismo, já se fora. Além disso, revelaram-se tendências de nivelamento das remunerações de trabalhadores, o que também contribuiu negativamente para a produtividade e a eficiência do trabalho. Em 1965, foram criados Fundos de Estímulos Econômicos nas empresas, os quais dependiam dos lucros líquidos e dos indicadores de eficiência da produção. A destinação principal desses Fundos era a premiação de trabalhadores,

auxílio financeiro aos mesmos e financiamento de objetos da infraestrutura social das empresas.

Como resultado da Reforma, as empresas obtiveram mais recursos financeiros para uso próprio, que poderiam ser alocados conforme a decisão da empresa sem diretrizes centrais. Antes da Reforma, a relação de recursos próprios sobre os recursos totais da empresa girava em torno de 20%, enquanto, em 1970, esse indicador ficou em quase 35% (VEDUTA, 2002: 193). No entanto, os efeitos positivos da Reforma não conseguiram prolongar-se muito, pois seriam neutralizados pelas várias distorções e decisões políticas inadequadas da década seguinte.

Economia da URSS nas décadas de 1970 e 1980: desaceleração, tentativa de *Perestroika* e desmontagem do sistema planificado socialista

A partir da década de 1970, a economia soviética passou a perder o dinamismo que havia sido a sua característica marcante no período anterior. A redução das taxas anuais de crescimento econômico foi gradativa, uma vez que, em cada período do Plano Quinquenal, houve crescimento menor do que no período anterior. Como se pode ver na Tabela 4, as taxas médias de crescimento da Renda Nacional (Produto Nacional Líquido) diminuíram de 6,3%, no período do Nono Plano Quinquenal (1971-1975), até 4,2%, no período seguinte (1976-1980) e 3,5%, no período do Décimo Primeiro Plano Quinquenal (1981-1985). O período seguinte, o do Décimo Segundo Plano Quinquenal (1986-1990), foi o último período planejado na União Soviética, no final do qual o investimento parou e o crescimento ficou negativo.

Ao longo de toda a história da economia soviética, os resultados dos planos socioeconômicos sempre foram divulgados pelo Congresso do Partido Comunista da URSS, no início do primeiro ano do período quinquenal seguinte, junto com a aprovação do novo Plano Quinquenal. No início de 1991, pela primeira vez na história da URSS, o Congresso do Partido Comunista não foi realizado, os resultados da execução do último período quinquenal não foram cotejados com diretrizes, nem avaliados e divulgados. A apuração de dados estatísticos ficou naquele período anual. Na Tabela 4, visualiza-se a oscilação forte dos in-

dicadores macroeconômicos no período de 1986 a 1990, e o acentuado decréscimo econômico no ano de 1991.

Tabela 4 – Taxas anuais de crescimento da renda nacional e de investimento total na economia soviética, nas décadas de 1970 e 1980 e no início de 1990 (em %, média no período)

Indicadores	1971-1975	1976-1980	1981-1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Renda Nacional	6,3	4,2	3,5	2,4	0,7	4,5	1,9	-4,0	-14,3
Investimento Total	6,7	3,7	3,7	9,2	5,9	7,7	4,1	0,1	-15,5

Fonte: adaptado de Veduta (2002: 237).

Para explicar as tendências do período analisado, as seguintes questões devem ser abordadas: a crise econômica começou no período soviético sob a economia planejada e controlada pelo Governo ou, ao contrário, resultou da desmontagem gradual do sistema planejado e da perda de controle por parte do Governo? Quais foram os determinantes da desaceleração e, em seguida, do decréscimo econômico?

Na literatura, encontram-se respostas diferentes. Segundo Angelo Segrillo (cujo trabalho sobre a União Soviética foi considerado pioneiro na historiografia brasileira), a estagnação da economia socialista transformou-se em crise ainda no final dos anos 1970. Para explicar a crise, ele chegou a considerar os seguintes fatores: o peso do gasto militar devido à corrida armamentista; o atraso na agricultura, incapaz de atender às demandas crescentes da população cada vez mais urbanizada; os gastos com estações espaciais sucateadas (ver SEGRILLO, 2000).

Outro pesquisador brasileiro, autor de vários artigos sobre a economia soviética, Victor Meyer, situou o início da crise no final da década de 1980 e a caracterizou como uma crise de demanda pessoal insatisfatória quanto a bens e serviços:

A crise da economia soviética, nos últimos anos de 1980, aparece sob a forma de escassez de bens de consumo, hipertrofia do setor de bens de produção e gastos improdutivos, de uma generalização da forma mercadoria em todas as áreas da economia. O mercado monetário reflete esses desequilíbrios, revelando um crescimento dos ativos monetários depositados na Caixa Econômica da União Soviética ou guardados individualmente, dando uma medida da demanda não atendida por bens de consumo“ (MEYER, 1991: 87).

Vários autores estrangeiros de países capitalistas desenvolvidos (na terminologia soviética e pós-soviética: países ocidentais) sugeriram que a crise econômica estava presente, numa ou outra forma (estrutural ou setorial, mais ou menos mascarada), em todo o período soviético, pois o sistema socialista era incapaz de sustentar o crescimento econômico (ver a esse respeito, por exemplo, LLOYD, 1992; MURPHY, 1998).

Pesquisas recentes de economistas pós-soviéticos (principalmente, os da Rússia) voltadas para as décadas de 1970 e 1980 foram motivadas pelo crescente interesse em repensar esse último período da economia socialista, para, possivelmente, refletir sobre alguns problemas contemporâneos da Rússia, tais como o funcionamento fraco, até hoje, das forças de mercado e a persistência de distorções estruturais na economia.

No presente artigo, defende-se a visão de que a economia soviética, apesar de apresentar várias desproporções no seu desenvolvimento, nunca chegou a experimentar a crise macroeconômica. Problemas enfrentados pela economia soviética nas décadas de 1970 e 1980 nem davam para comparar com problemas da crise transformacional do período seguinte em termos de perdas econômicas e custos para a sociedade. Nas palavras do pesquisador Vladimir Popov, “a estagnação dos anos 1970–1980 na URSS, em comparação com a crise da década de 1990 na Rússia pós-soviética, pareceu uma brincadeira inocente em comparação com um grande mal” (POPOV, 2008: 5; tradução nossa).

Então, as tendências reveladas nas décadas de 1970 e 1980 evidenciaram a desaceleração e, em seguida, a estagnação, mas a economia não entrou na crise. A verdadeira crise econômica começou em 1991, ou seja, após o fim, de fato, da economia planejada socialista. Formalmente, naquele momento ainda existiam o socialismo e a própria União Soviética. No entanto, o Partido Comunista da URSS já deixara de ter papel governante na política econômica (implicando a destruição da estrutura organizacional do mecanismo da planificação), a URSS já perdera as três Repúblicas Bálticas (que declararam a independência em 1990), as relações econômicas entre Repúblicas, Unidades Administrativas das Repúblicas e entre as empresas já haviam sido parcialmente liberadas do controle governamental, e as diretrizes dos Planos começavam a serem ignoradas. Sendo assim, o sistema de planificação socialista centralizada ficou, em maior grau, já desmontado no início da década de 1990.

Logo o país começou a conhecer todos os vilões do capitalismo. No período de 1990 a 1998, o PIB da Rússia caiu em 45%, e o desemprego, acompanhado pela crescente desigualdade na distribuição da renda, passou a ser um grande problema macroeconômico. As taxas anuais da inflação superaram 100% em vários anos, apesar da desmonetização chocante da economia: em meados da década de 1990, o indicador de estoque de moeda sobre o valor do PIB caiu até 15% enquanto, em meados da década de 1980, o mesmo ficava no nível de 50% (ROSCOMSTAT, 2000: 82). Chegou até um momento em que alguns bens começaram a desempenhar um papel de moeda. Ademais, salários com pagamento atrasado por meses ou (o que era ainda pior) substituídos parcialmente pelas mercadorias produzidas na mesma empresa eram comuns na primeira metade da década de 1990

Voltando para a análise da economia nas décadas de 1970 e 1980, acredita-se que a natureza da estagnação da economia soviética naquele período dificilmente pode ser encaixada numa das teorias existentes de crescimento. Até hoje não existe uma visão única dos determinantes da economia no período em questão. A discussão desse assunto controverso, às vezes, torna-se um “estado da arte” e parece estar longe do seu encerramento, pelo menos na Rússia moderna.

Os primeiros fatos que devem ser notados são a redução da produtividade dos fatores de produção e o uso excessivo de recursos da sociedade, que eram cada vez mais considerados como se fossem recursos de ninguém. Na Tabela 2, apresentam-se taxas de crescimento da produtividade de trabalho, segundo as metodologias oficial e alternativa. Nos dois casos, visualiza-se a tendência agravante da desaceleração do aumento da produtividade de trabalho de década a década. Na década de 1980, ela cresceu na média apenas 1,4 % por ano, segundo os dados alternativos.

Os pesquisadores norte-americanos Easterly e Fischer, já mencionados acima, acham que a queda da produtividade dos fatores de produção não pode ser explicação suficiente para o declínio da economia soviética. Esses autores demonstraram que tal queda não foi mais acentuada do que em outros países. Eles consideram que a causa principal da estagnação econômica da URSS foi o fenômeno da baixa elasticidade da substituição entre fator de capital e fator trabalho. Como resultado desse fenômeno, o decréscimo da produtividade marginal do capital fixo

(na medida em que ocorria aceleração da sua acumulação) não se compensou pelo acréscimo da produtividade de trabalho. Por isso, a economia desacelerou, mesmo que as taxas do progresso tecnológico se mantivessem constantes. O fato de que a elasticidade da substituição entre capital e trabalho estava mais baixa na URSS do que em países capitalistas foi explicado pela própria natureza do sistema planificado socialista e testado através de modelo econométrico (ver detalhes em EASTERLY e FICHER, 1995).

Easterly e Fischer apontam também o peso dos gastos militares como a segunda principal causa do declínio econômico da URSS. Vale notar que praticamente todos os pesquisadores ocidentais enfatizam os gastos militares entre as razões da desaceleração da economia soviética nas décadas de 1970 e 1980 e da posterior queda da URSS. Entre as outras razões mais citadas, estão as seguintes: muita confiança nos fatores extensivos de crescimento e pouca atenção aos fatores intensivos por parte dos gestores estatais; dificuldades do sistema planificado com a adaptação a tecnologias sofisticadas; ausência de estímulos econômicos adequados (ver, por exemplo, OFER, 1987).

Acredita-se (com base tanto na pesquisa bibliográfica e análise de dados estatísticos como na experiência pessoal vivenciada na União Soviética e na Rússia) que todos os fatores citados acima contribuíram, sim, em certa medida, para o declínio econômico, mas não foram determinantes-chave desse processo. Apoiar-se a visão defendida por alguns pesquisadores contemporâneos de que a determinante-chave do declínio da economia soviética foi processo de gradual deterioração do sistema planificado socialista. Essa deterioração revelou-se através da contradição emergente entre objetivos declarados distintos e metas mais próximas do funcionamento da economia. Declarou-se, na época, que o sistema planificado socialista visava atender objetivos de longo prazo, ou seja, satisfazer as necessidades crescentes da população, melhorando a sua qualidade de vida, condicionando a utilização mais eficiente de todos os recursos da sociedade.

Na prática real, os objetivos declarados foram substituídos pelos objetivos da corrida “planejamentista”, que visavam cumprir as diretrizes do Plano corrente a qualquer custo e o mais rápido possível. As empresas que conseguiam atingir as metas do Plano Quinquenal em período menor do que 5 anos, ou seja, antes do final do período quinquenal,

ultrapassavam o nível p iedade. Até surgiu, entre os críticos da prática existente, o termo “economia de custos” para caracterizar o modo vigente da produção na época.

Popov aponta, como falha principal da economia planificada, a sua incapacidade inerente de efetuar a reconstrução técnica oportunamente. Pois, para a reconstrução, ou seja, para a substituição de máquinas e equipamentos obsoletos por outros mais modernos, precisava-se da parada temporária do processo de produção, o que, com certeza, diminuiria o seu nível de produção e poderia prejudicar o cumprimento do Plano corrente. Dados estatísticos demonstram o fenômeno da reconstrução técnica retardada, tais como a quantidade de máquinas e equipamentos com idade (tempo do funcionamento) maior que 10 anos, o que representava 29% no ano 1970, 35%, em 1980, e 40%, em 1989, do total de todas as máquinas e equipamentos utilizados na economia. No final da década de 1980, a vida útil de máquinas e equipamentos, em média, na indústria, era 26 anos. A taxa de depreciação de máquinas e equipamentos era muito baixa, variando, naquele período, entre 2 e 3%. Como resultado, o capital fixo teve elevado desgaste físico e moral. O investimento total bruto canalizava-se, principalmente, para a expansão do novo capital fixo em detrimento da modificação de capital existente e da reposição do capital desgastado. Isso levou à desproporção entre fator capital e fator trabalho, ou causou a capacidade produtiva ociosa do capital fixo devido à falta de mão de obra para a sua utilização. Em meados de anos 1980, uma entre quatro máquinas no setor industrial não era utilizada por causa da quantidade insuficiente de trabalhadores (POPOV, 2008: p 15-17).

O aprofundamento das tendências negativas na economia ficava cada vez mais preocupante e fazia com que os economistas procurassem novas reformulações do sistema planificado socialista. Em julho de 1979, foi lançada mais uma Reforma Econômica (que pode ser considerada, pelos critérios da importância e do grau das modificações previstas, como a Segunda Reforma, sendo que a Primeira Reforma foi a de 1965) com o objetivo de aumentar a eficiência da planificação, racionalizar o uso de recursos e elevar a qualidade de bens e serviços produzidos. A principal proposta foi modificar, mais uma vez, os critérios de avaliação da atividade das empresas, acabando com a prática “plano pelo próprio plano, qualquer que seja o custo”. Na elaboração de diretrizes dos Pla-

nos, foi previsto substituir os indicadores da produção total pelos indicadores da produção final, estimulando a redução do uso de insumos de produção. Visou-se também à maior inclusão de indicadores qualitativos e não monetários no conjunto dos indicadores planejados. Previa-se correlacionar o fundo da remuneração dos trabalhadores com a evolução da produtividade do trabalho para reverter a tendência de maior aumento de salários nominais em comparação com o aumento da produtividade de trabalho. As medidas da Reforma enfatizaram a intensificação do mecanismo de *khozraschet* (comercialização) nas relações e atividades das empresas. A intenção era descentralizar o sistema planejado, fazendo com que a elaboração dos planos se iniciasse no nível das empresas produtoras e se baseasse no estudo das demandas de consumidores finais.

Infelizmente, a maioria das referidas medidas não foi implementada na prática econômica devido à forte resistência do corpo executivo das empresas, à burocracia e à inércia dos órgãos de controle e planejamento central (ver a análise mais detalhada da Reforma em VOLOIZANOVA e GODZINA, 2001). No período posterior à Reforma fracassada, o do Décimo Primeiro Plano Quinquenal (1981–1985), os resultados macroeconômicos ainda pioraram: a taxa média anual de crescimento da Renda Nacional ficou em 3,5% (mais baixa do que a taxa de 4,2% no período anterior, 1976–1980), enquanto o investimento total cresceu em ritmo igual (3,7% média anual) em dois períodos quinquenais (ver Tabela 4).

A situação econômica quanto à demanda não atendida, déficits emergentes de vários bens e serviços (o que gerou, enfim, a economia subterrânea na URSS), necessitou de medidas mais cruciais. O reconhecimento oficial dessa situação foi feito, pela primeira vez, no discurso do novo (e o último) Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, Mikhail Gorbachev, em maio de 1985. Com a vinda de Gorbachev, relaciona-se a tentativa de transformação da economia socialista para a economia socialista de mercado com o processo da *Perestroika*. Na etapa inicial de *Perestroika*, foram tomadas somente algumas medidas administrativas, como por exemplo, a troca do gabinete de ministros e altos executivos, e a proclamação do novo caminho para a aceleração (*uskoreníe*).

A partir de janeiro de 1987, começaram as transformações mais significativas, inclusive no mecanismo econômico. Pretendeu-se reduzir o monopólio estatal, afrouxar o controle do Estado, liberar a tomada de

decisão empresarial, descentralizar o sistema planejado e permitir a propriedade privada em setores secundários de produção de bens de consumo, comércio varejista e serviços não essenciais. Essa última medida foi o elemento mais radical da implementação do chamado socialismo de mercado como o novo modelo da economia soviética. No final da década de 1980, o Estado continuava sendo o principal proprietário da base produtiva, mas já existiam inúmeras microempresas e empresas de pequeno porte nas mãos de proprietários privados. No setor da agricultura, foi permitido o arrendamento de terras estatais por grupos familiares e indivíduos. Também foi projetada a conversão de indústrias militares em civis, voltadas para a produção de bens de consumo (ver GORBACHEV, 1995).

As medidas econômicas da *Perestroika* foram elaboradas com vistas a retomar o crescimento econômico e melhorar o desempenho social por meio da reformulação dos mecanismos existentes. Pretendeu-se incluir elementos do mercado no funcionamento da economia, porém, mantendo inalterados os principais fundamentos do socialismo, conforme o próprio termo “socialismo de mercado” indica. Os primeiros resultados dessas medidas pareceram ser positivos, pelo menos em termos quantitativos do crescimento econômico. Na Tabela 4, pode-se visualizar uma retomada de crescimento no ano de 1988: a Renda Nacional cresceu em 4,5% e o Investimento Total em 7,7%. Esses resultados foram os melhores de duas décadas: de 1970 e 1980.

No entanto, acontecimentos políticos ocorridos no país e na Europa do Leste no fim dos anos 1980 travaram as realizações das medidas econômicas previstas pela *Perestroika*. A reconstrução de outras esferas da vida soviética, em direção à descentralização de gestão e à liberalização das decisões das Repúblicas e Unidades Administrativas, deu início aos movimentos nacionalistas e à destruição das relações econômicas entre elementos do sistema planejado, que acabou sendo desmontado. Assim, mecanismos econômicos do socialismo foram desativados e mecanismos econômicos do mercado não foram implementados. Essa situação levou ao fim total da economia soviética e desencadeou a crise transformacional da década seguinte em todo o espaço pós-soviético.

Conclusão

Neste trabalho, foram analisadas as transformações da economia soviética no período de 1950 a 1980, quando, de sistema maduro centralmente planejado e controlado pelo Governo, ela passou pela desmontagem deste e a tentativa de implementar o socialismo de mercado. A economia soviética passou também pela desde a dinâmica do crescimento acelerado até a estagnação.

O chamado triunfo econômico, na década de 1950, representou a culminância do desenvolvimento socioeconômico baseado no planejamento diretivo e demonstrou vantagens competitivas do sistema socialista à frente do mundo capitalista. Na década seguinte, de 1960, esse sistema já havia dado os primeiros sinais de ineficiência devido ao afrouxamento dos estímulos econômicos junto com a perda gradual do entusiasmo dos trabalhadores e da motivação ideológica.

A Reforma Econômica de Kossiguin, lançada em 1965, flexibilizou a gestão central, liberalizou parcialmente a tomada das decisões das empresas e tentou elevar a motivação financeira para obter resultados do trabalho e uso eficiente de recursos.

Fatores negativos do desenvolvimento socioeconômico, tais como distorções estruturais (atraso permanente do setor agrícola, prioridade da indústria bélica, desenvolvimento insuficiente do setor de serviços), crescentes “custos ideológicos” (auxílios técnicos e financeiros para outros países e gasto militar) começaram a repercutir no desempenho macroeconômico, na década de 1960.

A partir da década de 1970, a economia desacelerou e sua efetividade diminuiu. Existem várias explicações para esse processo, as quais foram expostas na seção 3. No presente trabalho, defendeu-se a visão de que o determinante-chave da desaceleração e da estagnação da economia soviética foi o processo da gradual deterioração do sistema planejado, o qual se revelou na chamada “corrida planejamentista”: cumprimento do Plano pelo próprio Plano a qualquer custo. A tentativa de aperfeiçoamento do sistema planejado na segunda Reforma Econômica, lançada em 1979, fracassou devido à forte resistência do corpo executivo nas empresas, à burocracia e à inércia dos órgãos centrais de controle e planejamento.

As mudanças mais cruciais na economia planejada, previstas pela *Perestroika*, também não foram realizadas devido a várias razões, inclusi-

ve acontecimentos políticos. No entanto, as mudanças organizacionais, a liberalização das decisões de agentes econômicos, a perda parcial do controle por parte do Governo, entre outros fatores, contribuíram para a destruição total do sistema planificado socialista.

Conclui-se que a desaceleração econômica, nos anos 1970-1980, e a estagnação, no final desse período, não foram uma consequência inevitável do funcionamento do sistema socialista planificado. A desmontagem gradual do sistema planificado e tentativas fracassadas da sua reformulação contribuíram para o colapso econômico da União Soviética.

Para finalizar, manifesta-se que o caminho da transformação da economia socialista para a economia de mercado, escolhido no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 na URSS, não representava a única saída das dificuldades encaradas na época. Existiam, sim, caminhos alternativos para as modificações e reorganizações econômicas sem destruir os fundamentos básicos do sistema planificado socialista, mas levando em conta a dialética do seu desenvolvimento.

Referências bibliográficas

- ABALKHIN, Leonid. Sovetskiy Soyuz (“União Soviética”). In *Bol'shaya Sovetskaya Entsiklopediya* (“Grande Enciclopédia Soviética”). Moscou: Politizdat, vol.24, n.2: 1-56, 1978. No original: Л.И. Абалкин. СССР. Большая Советская Энциклопедия. Том 24, книга 2. Versão eletrônica disponível em <<http://oval.ru/enc/94836.html>> acesso em 8/10/2011.
- EASTERLY, W.; FISCHER, S. The Soviet Economic Decline: historical and republican dates. In: *NBER Working Paper Series*, n. 4735: 1-27, 1994.
- GOMULKA, S. ; SCHAFER, M. A new method of long run growth accounting with the application to the Soviet economy, 1928-1997, and the US Economy, 1949-1978. In: *London School of Economics and Political Science. Centre for Economic Performance Discussion, Working Paper*, n. 14: 1-36, 1991.
- GORBACHEV, Mikhail. Zhizn e reformy (“A realidade e Reformas”). Moscou: *Politizdat*, 1995, 64 p. No original: М. С. Горбачев. Жизнь и реформы. Москва, Политиздат, 1995.
- GOSCOMSTAT (“Comitê Estatal de Estatística”). Relatório Estatístico Anual da URSS. Moscou: *TSU SSSR*, 1970, 612 p. No original: Народное хозяйство СССР за 1970 год. Москва, ЦСУ СССР.
- GOSUDARSTVENNYE ECONOMICHESKIE STRATEGII (“ESTRATEGIAS ECONÔMICAS DO ESTADO”), (org. VEDUTA, E.N.) Ekaterinburgo: *Delovaya*

- kniga*, 1998, 260 p. No original: Е.Н. Ведута. Государственные экономические стратегии. Екатеринбург, *Деловая книга*, 1998.
- KHANIN, Grigory. Dinamika ekonomicheskogo razvitiya SSSR (“Dinâmica do desenvolvimento econômico na URSS”). Novosibirsk: SOAN SSSR, 1991, 120 p. No original: Динамика экономического развития СССР. Новосибирск: СОАН СССР, 1991.
- KHANIN, Grigory. Desyatiletie triumfa sovetskoi ekonomiki: pyatidesyatye gody (“Década de triunfo da economia soviética: anos de 1950”). Em: *Svobodnaya mysl' - XXI vek* (“Pensamento Livre – século XXI”), n.5: 50-67, 2002. No original: Г. И. Ханин. Десятилетие триумфа советской экономики: годы пятидесятые. *Свободная мысль - XXI век*, n. 5, 2002.
- LLOYD, T. The Economic condition of Russia. In: *The Economic Journal*, v.2, n.6: 398-403, 1992.
- MATERIALY XXII S'EZDA KPSS (“MATERIAIS DO XXII CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA URSS”). Moscou, *Politizdat*, 1961, 169 p. No original: Материалы XXII съезда КПСС. Москва, Политиздат, 1961.
- MEYER, V. Economia Soviética: introdução à historia da crise. Em: *Nóvoa, Jorge (editor). Historia à Deriva – um balanço de fim de século*, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 84-93, 1993.
- MURPHY, A. A Note on Economic Growth in Eastern Europe. In: *Journal of Economic Issues*, v. 32, n.4: 1150-1152, 1998.
- OFER, Gur. Soviet Economic Growth. In: *Journal of Economic Literature*, v.25, n.4: 1767-1833, 1987.
- POPOV, Vladimir. Zakat planovoi ekonomiki: pochemu sovetskaya model' poteryala dinamizm v 1970-1980 gody. (“O Declínio da Economia Planificada: por que a economia da URSS perdeu o seu dinamismo nos anos de 1970-1980”). Em: *Perito*, vol. 640, n.1: 4-22, 2008. No original: В. Попов. Закат плановой экономики: почему советская модель потеряла динамизм в 1970-1980-ые годы. *Эксперт*, № 1 (640), 2008.
- ROSCOMSTAT. (“Comitê Estatal de Estatística da Rússia”). Relatório Estatístico Anual da Rússia. Moscou: *Roskomstat*, 2000, 542 p. No original: Российский статистический ежегодник. Москва: Роскомстат. 2000. Versão eletrônica disponível em <<http://www.gks.ru>> acesso em 28/08/2011.
- ROSSIYA I MIR (“A RÚSSIA E O MUNDO”). Relatório do Instituto da Economia Mundial e das Relações Internacionais, Moscou: *ИМЭМО*, 2002, 224 p. No original: Россия и Мир. Доклад Института Мировой Экономики и Международных Отношений, *ИМЭМО*, 2002. Versão eletrônica disponível em <<http://www.globa-laffairs.ru>> acesso em 8/09/2011.
- SEGRILLO, Ângelo. O Declínio da União Soviética: um estudo das causas. São Paulo: *Editora Record*, 2000, 368 p.
- VEDUTA, Elena. Strategiya e ekonomicheskaya politika gosudarstva (“Estratégia e política econômica do governo”). Moscou: *Vyshee obrazovanie*, 2002, 361 p. No

- original: Е.Н. Ведута. Стратегия и экономическая политика государства. Москва, *Высшее образование*, 2002.
- VOLOIZANOVA, G.; GODZINA, G. Istoriya menezhmenta (“Historia da Gestão”). Moscou: *INFRA-M*, 2001, 231 p. No original: Волоизанова Г. П., Годзина Г. С. История менеджмента. - Москва: ИНФРА-М, 2001.
- WHEATCROFF, C.J. et al. Soviet Industrialization Reconsidered: some preliminary conclusions about economic development between 1926 and 1941. In: *Economic History Review*, vol. 39, n. 2: 264-294, 1986.